

## **“Minha escrita começa sempre do nós”: entrevista com Mel Adún**

Por Grazielle Frederico,<sup>1</sup> Lúcia Tormin Mollo<sup>2</sup> e Paula Queiroz Dutra<sup>3</sup>

**Mel Adún** (1978), residente em Salvador, é escritora, pesquisadora, membro e assessora de imprensa do Coletivo Ogum's Toques Negros. Também é colaboradora em vários números dos *Cadernos negros*. Iniciou sua carreira literária em 2007, realizando diversos escritos (romances, contos e poesias). Seus textos trazem uma forte presença do lugar feminino e, especialmente, do feminino negro. Em 2015, publicou o livro infantil *A lua cheia de vento*.

### *Qual a sua relação com a literatura?*

Minha relação com a literatura é antiga. Não sei precisar quando começou, mas se fez presente na minha vida a partir das leituras, sempre que possível, de mainha. A literatura sempre foi uma companhia e hoje continua sendo. O diálogo com o mundo não fica só na minha cabeça, transpassa para o papel nas formas mais variadas.

### *Você acha importante se dizer autora negra dentro do campo literário brasileiro? O rótulo demarca ou aprisiona sua trajetória?*

Afirmar nos coloca um passo à frente da suposta democracia racial brasileira. Ser chamada de escritora negra não me aprisiona; não aprisiona meu texto. Muito pelo contrário. Liberta-me de ter que pisar em ovos ao mesmo tempo que me desafia no exercício da escrita. O que nos aprisiona, nos torna invisível e nos mata, é o racismo.

### *O racismo presente na sociedade brasileira afeta a sua produção?*

Indiscutivelmente, sim. O texto sempre passará por mim. O que não significa que a minha produção seja “diminuída” pelo racismo.

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Literatura na Universidade de Brasília (UnB), Brasília, DF, Brasil. E-mail: [grafrederico@gmail.com](mailto:grafrederico@gmail.com)

<sup>2</sup> Doutoranda em Literatura na Universidade de Brasília (UnB), Brasília, DF, Brasil. E-mail: [ltorminmollo@gmail.com](mailto:ltorminmollo@gmail.com)

<sup>3</sup> Doutoranda em Literatura na Universidade de Brasília (UnB), Brasília, DF, Brasil. E-mail: [qpaulad@gmail.com](mailto:qpaulad@gmail.com)

*Quais temas te interessam, te instigam a escrever?*

Os temas do mundo, desse mundo nosso, me interessam. Contar casos, histórias ouvidas aqui e acolá me inspiram. Acredito que o ser humano tem muita coisa a dizer o tempo todo. Além de fazer parte de nossa cultura tentar aprender a partir de outros. Quando eu digo aprender é num sentido bem amplo. Pode ser aprender a rir, a refletir ou até mesmo só apreciar. Posso dizer que minha escrita começa sempre do nós.

*Qual relação da sua escrita com suas experiências?*

Acredito que seja fundamental, mas jamais determinante.

*Qual o peso que o machismo ainda tem no Brasil atual?*

Com certeza mais pesado que um oceano lotado de Baleias Azuis. Quando temos dados como: 3 em cada 5 mulheres jovens já sofreram violência em relacionamentos; ou 56% dos homens admitem que já cometeram alguma agressão contra suas companheiras. Ou quando lemos que um homem matou por amor, por ciúme ou inconformado com o término da relação. A sociedade ainda nos vê como propriedade do homem.

*É possível desvincular a produção literária de um ato político?*

Não há neutralidade. Escrever é um ato político e perante o genocídio da população negra, tanto físico quanto intelectual, posso dizer que viver, nesse país racista, tanto para a mulher negra, quanto para o homem negro, também é.

*O que o corpo significa na sua produção?*

Significa o meu lugar de fala. A fala de uma mulher negra completa. Com desejos, medos, alegrias, frustrações. O corpo das possibilidades infinitas que nos foram negadas na “literatura brasileira”. Um corpo com nome, sobrenome, profissão, família. Um corpo que não é mais objeto do outro. Um corpo que demanda o diálogo.

*Qual a importância da literatura num país com tamanhas desigualdades sociais?*

A maior das importâncias! A literatura brasileira legitimou e naturalizou o racismo brasileiro cotidiano.

*Qual sua análise sobre um aumento dos mais diversos tipos de intolerância (religiosa, de gênero, étnico-racial, social) no país? Vivemos tempos mais violentos?*

Não tenho dados exatos, mas acredito que o Brasil sempre foi violento, racista, machista, homofóbico, sexista etc. Com as novas mídias existe um aumento, sim, das informações traficadas. Sabemos em tempo real o que o braço armado do Estado faz nas periferias de boa parte do Brasil. Sabendo ainda que não é o Brasil todo que possui acesso às novas mídias, o que nos diz que ainda haverá um aumento.

*Qual a importância da liberdade e da democracia para a literatura?*

Sem elas não existe literatura.

*Quais autoras/es, pensadoras/es, pessoas têm influência na sua obra?*

Bell Hooks, Conceição Evaristo, Adélia Prado, Virginia Wolf, Ronald Augusto, Edimilson Pereira, Beatriz Nascimento, Lélia Gonzalez, Alex Ratts, Guellwaar Adún, Toni Morrison, entre outras e outros que me amparam atualmente